SUINOCULTURA

Ao contrário do que se propagou, os preços da carne ainda estão baixos, pois deixam de assegurar, há anos, lucratividade estimuladora.

Atribuiu-se aos criadores de suínos alguma parcela de responsabilidade pela escalada inflacionária registrada nos últimos meses de 1988. Em dezembro, no varejo da cidade de São Paulo, o preço da carne suína ultrapassou o da carne bovina (esta ainda na entressafra) em 10% e, o do frango limpo, em 94%. Em relação ao mesmo mês do ano anterior, a recuperação real foi da ordem de 21%.

Não foi por outro motivo que, no final do ano, o governo federal anunciou a extinção do **Imposto de Importação** para este alimento, com vistas a abastecer o mercado com o produto importado e tentar segurar o avanço das cotações.

A despeito do alarde feito em relação à suposta ação perversa dos preços da carne suína sobre o índice do custo de vida, vale examinar mais atentamente os indicadores clássicos desta exploração, de forma a se separar o joio do trigo, analisando-se até que ponto isto efetivamente ocorreu.

Em primeiro lugar, embora o noticiário tenha dado a entender que os criadores se estariam beneficiando de preços muito mais altos em 1988 do que nos anos precedentes, a análise do preço real médio recebido de janeiro a dezembro, na região **Sul**, revela que, se este valor foi 10% maior do que o de 1987, por outro lado, foi inferior em 39%, 31%, 36% e 25% aos dos anos de 1986, 1985, 1984 e 1983, respectivamente.

No varejo da cidade de São Paulo, a média do preço real deste produto ao consumidor, em 1988, foi inferior em 23%, 17%, 16% e 21% às médias dos anos de 1986, 1985, 1984 e 1983, respectivamente. Em termos comparativos com o ano de 1987, foi praticamente igual, o que corrobora o mau momento registrado, tendo em vista que os indicadores econômicos de 1987 para a suinocultura foram desfavoráveis. A título de ilustração, vale observar que a relação entre o salário mínimo médio anual e o preço varejista desta carne para o ano de 1988, tendo sido de 29 kg, revelou-se, desde 1984, o segundo maior indicador.

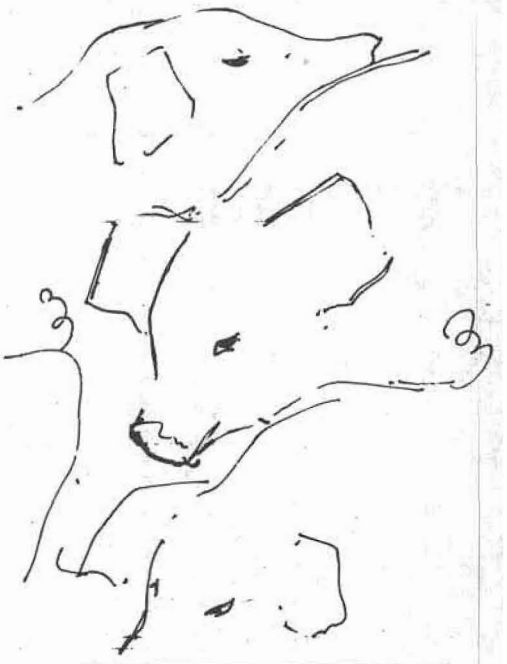
No que diz respeito à lucratividade dos criadores, sua tradicional medição através do preço relativo suíno/milho mostra que a média deste indicador para o ano, na região **Sul**, foi menor do que as de 1987 (7,2), 1986 (7,5), 1985 (7,1) e de 1984 (7,2), conseguindo apenas sustentar-se no nível do **break-even point**, tradicionalmente calculado em 6,0.

Aparentemente, houve dois motivos para que se disseminasse a idéia de que a carne suína estaria supervalorizada, no fim do ano passado.

O primeiro seriam os baixos preços por ela auferidos no segundo semestre de 1987 e primeiro bimestre de 1988, quando ainda se sentiam os efeitos de elevada oferta do produto (em conseqüência da expansão dos plantéis realizada na euforia de 1986) e se acentuavam as perdas reais dos salários.

O segundo seria o violento movimento baixista observado nas cotações do boi gordo até o início do período de entressafra de 1988. Devido a fatores inerentes a este segmento, os preços desta carne vermelha entraram em descenso acentuado ao longo de todo o primeiro semestre do ano, só vindo a se recuperar quando da entressafra e do atraso da normalização do período de chuvas, no início do verão.

Em suma, é enganoso pensar que a atividade suinícola tenha terminado muito bem o ano que passou. Muito pelo contrário, todos os seus indicadores econômicos apontam na direção de um período financeiramente desfavorável, além de a queda de 8% estimada na produção ter contribui-



EAESP/FGV
BIBLIOTECA KARL A. BOEDECKER
PERIÓDICOS

QUADRO 01 – BRASIL – PRODUÇÃO DE CARNES BOVINA, AVÍCOLA E SUINÍCOLA – 1980 A 1988

ANO	PRODUÇÃO DE CARNES			PARTICIPAÇÃO % SOBRE A PRODUÇÃO TOTAL DE CARNES		
	Bovina	Avícola	Suína	Bovina	Avícola	Suína
1980	2.084	1.306	980	48	30	22
1981	2.115	1.490	980	46	32	21
1982	2.397	1.604	970	48	32	20
1983	2.365	1.580	950	48	32	20
1984	2.153	1.398	936	48	31	21
1985	2.223	1.530	936	47	33	20
1986	1.958	1.680	1.080	42	36	22
1987	2.159	2.031	1.200	40	38	22
1988	2.500	2.030	1.100	44	36	20

FONTE – IBGE, Apinco, Cepa-SC.

do para empalidecer a participação da atividade dentro da pecuária brasileira como um todo (ver Quadro 01).

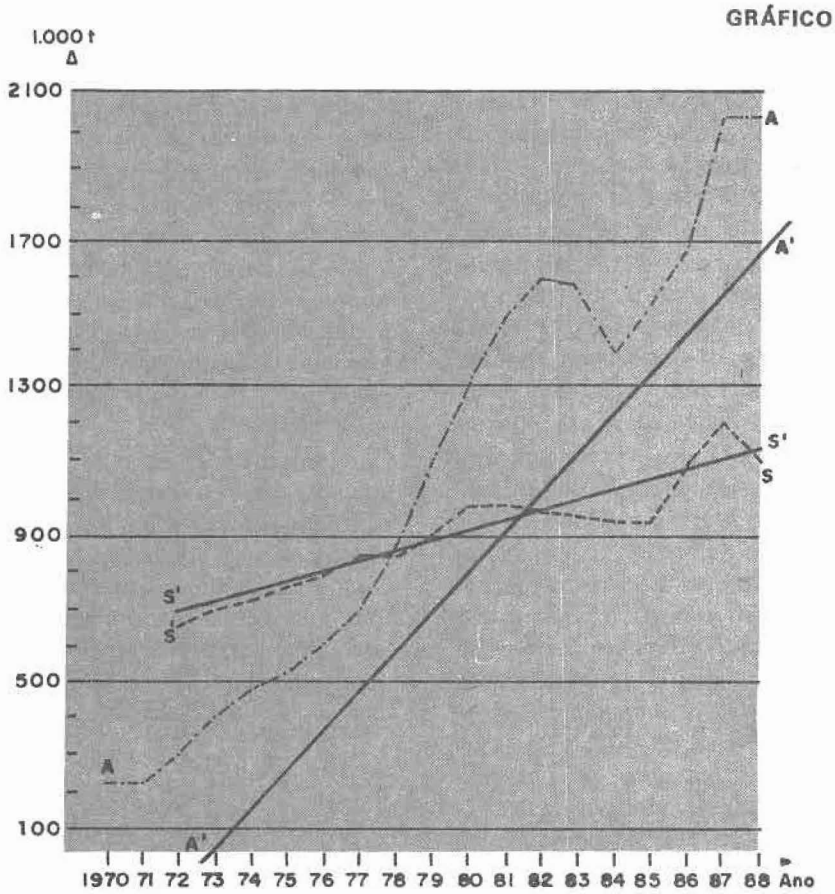
Nem à força da retração de 10% ocorrida na oferta **per capita** desta carne no ano passado, os criadores conseguiram que seus preços alcançassem patamares remuneradores. Dentro do subsetor das carnes em geral, a de porco continua a ocupar seu tradicional terceiro lugar.

A este respeito, um exercício de correlação linear, a partir dos dados de produção para as carnes suína e avícola desde 1970, mostra a acentuada diferença entre as tendências de crescimento de ambos os produtos, haja vista a angulação muito mais acentuada da reta representativa da carne branca (ver Gráfico 01).

Para o ano de 1989, as previsões de produção deste alimento variam desde a estabilidade frente a 1988, conforme dados da **Cepa-SC**, à contração de 10%, segundo informações do **USDA**. Parecem apoiar estes cálculos conservadores a quebra que se vem verificando na safra de milho de 1988/89 e a dificuldade em se visualizar, a curto prazo, a recomposição da perda do poder de compra dos salários, que permitisse aumentar a ingestão de proteínas de origem animal.

BRASIL – PRODUÇÃO DE CARNES AVÍCOLA (A) E SUINÍCOLA (S) E RESPECTIVOS AJUSTAMENTOS POR REGRESSÃO LINEAR (A' E S') 1970 A 1988 – (em mil t)

GRÁFICO 01



FONTE – Apinco, USDA e Cepa-SC.